

Nós e eles

Reinaldo Fleuri

Quando falamos de grupos das classes populares, como os bóia-frias, os favelados, os trabalhadores da fábrica e da roça, nos referimos a "eles", como se fossem diferentes e distantes de "nós", classe média. Que distância é esta que existe entre "nós" e "eles", mesmo quando queremos nos dar as mãos?

Não posso dizer que sou favelado — explicou Paulo Freire, no encontro do dia 29 de setembro —, sou um trabalhador intelectual, professor universitário. Como tal, em nosso contexto, tenho certas condições e possibilidades objetivas que um operário não tem: uma certa segurança de emprego, mais alternativas de sobrevivência e de conforto...

Além disso, o significado e as conseqüências da luta política para um professor universitário não são iguais aos do trabalhador braçal. Se os professores fazem greve, o governo e classe dominante não se incomodam tanto quanto com uma greve de metalúrgicos. Isto porque uma greve de operários desestabiliza o alicerce da vida social, a produção, enquanto que a paralisação de atividades culturais não traz prejuízos imediatos para o sistema. Por isso, é que a mobilização de operários é mais duramente reprimida do que a dos professores ou alunos. Diante disso, um operário pensa duas vezes antes de aderir a uma greve, pois coloca em risco a própria segurança e sobrevivência.

Entre classe média e classes populares há diferenças. Não há que se iludir. A questão, porém, que a gente tem que se colocar é esta: será que, mesmo tendo no momento condições melhores de vida, sou capaz de me solidarizar real e coerentemente com a luta dos trabalhadores pela transformação radical da estrutura social injusta?

Trata-se de uma opção vital, a partir da qual a gente coloca as próprias forças e capacidades a serviço dos movimentos sociais que lutam pela justiça. É esta opção que faz a gente se identificar com os injustiçados e a se tornar companheiros de jornada. Ir morar ou trabalhar numa favela, vestir roupas simples, ou falar linguagem chã podem não significar atitudes com sentido libertador. Solidarizar-se com as lutas das classes populares implica uma conversão mais profunda, que vai amadurecendo através de um caminho pessoal e coletivo por vezes longo e dramático.

Implica, por exemplo, uma mudança de mentalidade. Em nosso contexto, quem estudou muitos anos tende a se julgar portador de um saber mais válido do que o do "povão". Quando se encontra num grupo popular, acha que tem muito a ensinar e pouco a aprender. Na realidade, porém, as classes populares têm um saber próprio, uma cultura forjada a partir do trabalho duro e da luta pela sobrevivência. É um saber diferente, mas nem por isso menos válido do que o saber conceitual e abstrato. Por isso o intelectual de classe média tem muito a aprender com o saber do povo. Por outro lado, só conseguirá, com seu saber abstrato, ajudar os grupos populares a tornar o saber deles mais rigoroso se levar em conta o valor e os limites do saber popular.

A mudança de mentalidade vai de mãos dadas com a mudança de jeito de atuar. A gente acredita normalmente que a ação seja sempre resultado de decisões individuais e que um grupo só consegue agir com eficiência quando se submete às ordens de um chefe. Este modo elitista de agir não se adequa à forma de atuar dos movimentos populares. É a partir do diálogo franco e fraterno que o caminho a ser seguido pelo grupo vai se aclarando. A decisão é tomada e assumida com a participação de todos. A liderança autêntica é a que consegue exprimir essa decisão coletiva e ajudar todos a realizá-la. Se alguém se julga "dono da verdade" e se esforça por impor sua visão ao grupo, acaba dificultando o processo de conscientização e organização do grupo.

Colocar-se a serviço do movimento popular implica, enfim, trabalhar contra a mentalidade e os interesses elitistas das classes dominantes. Para nós, de classe média, implica morrer como classe. Mas é justamente esta "morte" que nos possibilita ir ressuscitando como "homem novo" e nos permite contribuir para que sejam superadas as relações que garantem os privilégios de alguns às custas da exploração e opressão de muitos. E ao contribuir para este processo de libertação social, a gente estará desenvolvendo o próprio processo de libertação pessoal.